

ANGÚSTIA COMO CONDIÇÃO DE LIBERDADE EM KIERKEGAARD

José Wilson Rodrigues de Brito*

Resumo: Este artigo tem como objetivo central refletir sobre a questão da Angústia e da Liberdade na existência humana segundo a concepção filosófica do dinamarquês Søren Kierkegaard (1813-1855). A angústia é tomada como uma condição fundamental da existência humana, da qual cada indivíduo por mais que deseje fugir, não encontra fuga da mesma, pois ela propicia ao homem a liberdade através das possibilidades que a mesma visualiza antes da concreção do que antes era mera possibilidade. Assim, podemos dizer que a angústia direciona o homem não para uma liberdade abstrata, mas para a real liberdade que exige compromissos e responsabilidades àquele que busca ser autêntico frente sua própria determinação de personalidade, que se dá pela escolha da escolha. A partir daí, este indivíduo já não permanece no instante da decisão, mas torna-se ele mesmo um ser que existe com suas diversas características e sujeito às contingências da vida. A existência é devir, contingência. Cada homem é um ser indeterminado, inacabado, finito, limitado, angustiado, que sofre, enfim; mas que, ao mesmo tempo, pode se autoconstruir ao decidir para si e tomar postura pessoal diante do que seja social.

Palavras-chave: Angústia. Escolhas. Existência humana. Kierkegaard. Liberdade.

Abstract: This article aims to reflect on the question of Anguish and Freedom in human existence according to the philosophical conception of the Danish Soren Kierkegaard (1813-1855). Anguish is taken as a fundamental condition of human existence, from which each individual, however much he wishes to flee, finds no escape from it, for it gives man freedom through the possibilities which he visualizes before the concretion of what was formerly a mere possibility . Thus we can say that anxiety directs man not to an abstract freedom, but to the real freedom that requires commitments and responsibilities to the one who seeks to be authentic before his own determination of personality, which is given by the choice of choice. From then on, this individual no longer remains at the moment of decision, but becomes himself a being that exists with its various characteristics and subject to the contingencies of life. Existence is becoming, contingency. Every man is an indeterminate being, unfinished, finite, limited, anguished, suffering, finally; but at the same time it can self-build itself by deciding for itself and taking personal stand on what is social.

Keywords: Anguish. Choices. Human existence. Kierkegaard. Freedom.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A partir desta pesquisa se faz uma abordagem sobre a angústia como possibilidade da liberdade humana. Com a perspectiva fundamental de mostrar isto em Kierkegaard, veremos a situação do homem em seu sentimento de solidão, no qual se sente abandonado até mesmo por Deus, frente às grandes questões pessoais a que somente ao indivíduo cabe tentar solucionar, como citaremos o caso do sacrifício de Isaac por seu pai Abraão.

Tivemos a preocupação em retomar os mesmos caminhos que este existencialista percorreu ao exprimir seu pensamento a respeito desta condição do homem como ser

* Mestrando em Filosofia pela UFPI. E-mail: nosliwbrito@hotmail.com

sujeito à angústia. Deste modo, buscaremos explicitar como se dá o surgimento da angústia, bem como a condição em que venha a se encontrar o homem diante do nada proporcionado pela angústia, pela possibilidade frente à questão conceitual da liberdade humana no exercício da própria liberdade concernente à vivência do constante fazer escolhas em sua vida. Também será feita uma explanação na qual teremos como fio condutor a relação entre angústia e liberdade, de modo que se esclarecerá, através deste estudo, que para Kierkegaard, a angústia é tomada como uma condição da qual o indivíduo não consegue fugir por mais que se queira, pois a mesma é peculiar a cada ser humano.

A ANGÚSTIA COMO POSSIBILIDADE DE LIBERDADE HUMANA

A angústia pode ser comparada à vertigem. Quando o olhar imerge num abismo, existe uma vertigem, que nos chega tanto do olhar como do abismo, visto que não seria impossível deixar de encarar. Esta é a angústia, vertigem da liberdade, que surge quando, ao desejar, o espírito, estabelecer a síntese, a liberdade imerge o olhar no abismo das suas possibilidades e agarra-se à finitude para não soçobrar (KIERKEGAARD, 1968, p. 66).

Com a citação acima referida iniciamos este estudo dedicado à abordagem a respeito da angústia como possibilidade de liberdade humana. Isto porque ela é um dos principais assuntos trabalhados por Kierkegaard ao longo de sua carreira filosófica – e por que não dizer também religiosa, já que “é uma certeza direta de que o autor foi e é um autor religioso” (KIERKEGAARD, 1986, p. 32). Cabe destacar que Kierkegaard tem a fama de ter sido um ferrenho crítico do sistema hegeliano por ter “travado uma batalha nos anos quarenta do século XIX contra o predomínio acadêmico do idealismo hegeliano” (GADAMER, 2002, p. 247), bem como quanto à sua maneira de conceber a liberdade do ser humano. Esta, submissa à noção do Eu Absoluto. Como argumenta Farago (2006, p. 65), em sua liberdade o homem é “capaz de autodeterminação em ato, livre do determinismo natural, sendo capaz de se libertar da essencialidade característica da natureza”.

Neste caso, se refere ao aspecto da crítica feita ao idealismo hegeliano, que como o próprio Gadamer menciona “não é por acaso que tanto os demais críticos do idealismo neokantiano como o próprio Heidegger acolham nesse momento um Kierkegaard procedente da crise espiritual do hegelianismo” (GADAMER, 2008, p. 386). Gadamer argumenta isto por que, “mesmo não sendo tão citado quanto outros pensadores da tradição filosófica, Kierkegaard ‘pode ser considerado um dos pensadores que exerceu uma influência decisiva na construção conceitual do seu projeto hermenêutico’” (ROHDEN, 2009, p. 18), uma vez que é possível afirmar que Gadamer “se alimentou do que

compreendemos por “filosofia existencial” e com ela teceu seu projeto filosófico” (ROHDEN, 2005, p. 325).

Desta forma, seguiremos um esquema em que exporemos, no primeiro momento, sobre o sentimento de desamparo que o homem experiência frente ao que compete somente a ele mesmo refletir em seu silêncio interior. Na sequência faremos uma abordagem concernente ao surgimento da angústia enquanto tal, que nos levará ao item posterior que tratará da situação do homem diante do nada. Por ser um autor religioso, Kierkegaard recorre inúmeras vezes a casos relatados nas Sagradas Escrituras (*Bíblia*), como a queda (pecado) do homem relatada no livro do *Gênesis* e o Sacrifício de Isaac. Deter-nos-emos, por enquanto, ao segundo caso em nossa reflexão sobre o sentimento de solidão no homem observando alguns problemas decorridos no mesmo.

O SENTIMENTO DE SOLIDÃO NO HOMEM

Ao mencionarmos sobre a questão do sentimento de solidão do ser humano frente a determinadas circunstâncias, cabe aqui destacarmos, que é preciso buscar uma sólida fundamentação em algumas recordações quanto a certas passagens do *Gênesis*, primeiro livro da Bíblia, nas quais se tem narrada a história da obediência de Abraão para com Deus quanto á proposta de exigência do sacrifício de Isaac, seu filho, como prova de fé. Momento em que temos profundas reflexões feitas por Kierkegaard com relação ao paradoxo da relação do Absoluto com a Moral. A outra passagem a que nos deteremos nesta pesquisa é a do confronto de Adão diante do obedecer a Deus e suas possibilidades quanto a ser dotado de liberdade – momento em que se pode fazer uma análise de algumas hipóteses, como a origem da angústia, assim como aprofundar um estudo a respeito da liberdade e suas possibilidades.

Neste sentido, Kierkegaard alega em sua obra *Temor e Tremor*, que se poderia atribuir quatro hipóteses do que possa ter ocorrido no sacrifício de Isaac por seu pai Abraão. Mas antes de adentrarmos a este tópico, e para que possamos compreendê-lo melhor, acreditamos que seja necessário esclarecer um pouco do contexto desta história relacionada a Isaac e Abraão. Este já era de idade muito avançada, assim como sua esposa, e ainda não tinham nem mesmo um filho. Porém, Deus, através de um aviso, promete a Abraão que Sara, sua esposa, teria um filho, e que, através deste filho, Abraão seria pai de uma multidão, a tal ponto que poderia ser comparada às estrelas do céu, incontáveis em

quantidade. Esta era a promessa de Deus para com Abraão. Deus realmente lhe dá um filho, Isaac. Entretanto, este filho é pedido forma de sacrifício, onde o próprio pai, Abraão, deve mata-lo, como cumprimento da exigência de Deus. Aqui é onde se vê situado, segundo Kierkegaard, a existência de um grande dilema em que o indivíduo (Abraão) é colocado entre a obediência a Deus e o agir moral de um pai para com seu filho. Pode-se destacar que, neste sentido, Abraão é tido pela tradição cristã como um referencial de obediência e fé em Deus, que é tido como Pai e todo Amor, segundo o seguinte trecho em sua obra *Temor e Tremor*,

[...] este homem não era, aliás, um pensador. Não sentia o mínimo desejo de ir além da sua fé. Parecia-lhe ser destino mais belo a posteridade vir a chamar-lhe o pai da fé, e considerava-se digno de inveja possuí-la, ainda, ninguém de tal suspeitasse (KIERKEGAARD, 1979, p. 255).

Neste caso, era exigido por Deus uma prova de fé a Abrão, na qual seria provada, através do sacrificar o próprio filho em nome e por motivação da fé em Deus. Já neste acontecido é possível notar, segundo Kierkegaard, a profunda angústia (assunto que trataremos melhor mais adiante) não somente de Abraão, mas também de Isaac, de tal modo que o filho mesmo chega a expressá-la no momento em que Abraão o agarra para efetivar o sacrifício, como podemos conferir:

Isaac não o compreendia. Foi então que, tendo-se afastado um pouco do filho, Isaac lhe tornou a ver o rosto, desta vez alterado, o olhar feroz, as afeições aterradoras. Agarrou Isaac pelo peito deitou-o por terra e disse-lhe: estúpido! Supões que sou teu pai faço o que me apetece! Então Isaac, fremente e com grande angústia, gritou: Deus do Céu Tende Piedade de mim! Deus de Abraão, tende piedade de mim, sê meu pai, por que já não tenho outro na Terra! Mas Abraão ciciava: Deus do Céu, dou-te graças. Vale mais que me julgue um monstro do que perca a fé em ti (KIERKEGAARD, 1979, p. 256).

Aqui temos o maior foco deste item, que é o sentimento de desamparo, abandono, solidão que o homem experiencia. Era já notável que Abraão se sentia intrinsecamente abandonado por Deus. Abraão, através de sua tamanha fé e contínua espera em Deus, tornar-se-ia o pai de uma multidão, gerações vindouras da posteridade de Isaac. Assim, Abraão seria especificamente o maior exemplo de profunda fé e obediência abnegada de tudo, servindo apenas ao seu Deus. Porém, a concretização desta promessa encontrava-se ameaçada, já que seu filho – a prova concreta da confirmação e possibilidade real de tal promessa se consolidar por inteiro – era exigido como oferta sacrificial. Neste sentido, sendo conseqüentemente lançada por terra a esperança que estava sendo sustentada no âmago do ser de Abraão. Agora esta promessa se tornava uma impossibilidade de

realização, uma posteridade grande e longínqua, a qual tanto esperava Abraão. Também é de elevado interesse perceber que Abraão está totalmente voltado à prática de sua fiel e inabalável fé com Deus, embora fazendo esta enorme exigência de sacrifício de Isaac. Podemos, então, pontuar neste homem de tamanha fé em Deus, seu sentimento de solidão diante de todos, no momento em que devia abdicar de seus propósitos, planos e esperanças de um ser possibilitado a realizar o grande sonho de posteridade em Isaac,

[...] no entanto, Abraão era o eleito de Deus era o mesmo Senhor que lhe infligia a provação. Tudo então se ia perder! O renome magnífico da raça futura, a promessa à posteridade de Abraão. Tudo isso não passara de fugitivo clarão divino que ele deveria apagar agora. Esse fruto magnífico tão antigo como a fé no coração do patriarca, e anterior em muitos anos a Isaac, esse fruto da vida de Abraão, santificado pela oração, amadurecido na luta, essa benção nos lábios do pai, esse fruto ia ser-lhe arrebatado e perder todo sentido: que sentido, na verdade podia encerrar a promessa, quando se impunha a sacrificar Isaac (KIERKEGAARD, 1979, p. 262).

Mesmo assim, vê-se em Abraão, sua contínua esperança, pois acreditou sem jamais duvidar. Como Kierkegaard menciona, ele não se abalou em momento algum diante da prova que Deus lhe exigia, a tal ponto que se afirma que por

[...] todo esse tempo conservou a fé, acreditou que Deus não lhe queria exigir Isaac estando, no entanto, disposto a sacrificá-lo se tal fosse indispensável. Acreditou no absurdo, por que tal não faz parte do humano cálculo. O absurdo consiste em que Deus, pedindo-lhe o sacrifício, devia revogar a sua exigência no instante seguinte. Trepou a montanha e no momento em que a faca faiscava, acreditou que Deus não lhe exigiria Isaac. Então, seguramente, surpreendeu-o o desenlace, mas já então também havia por um duplo movimento recobrado o seu primitivo estado, e foi por isso que recebeu Isaac com a mesma alegria que sentira pela primeira vez (KIERKEGAARD, 1979, p. 270).

Com isto, pode-se reforçar mais ainda tamanha certeza de Abraão diante da fé em Deus, um Deus de promessas e cumprimento das mesmas conforme seus planos, a tal ponto de se despojar por inteiro de sua vontade, da solicitação que Aquele lhe faz: “sacrificar o melhor que possuía” (KIERKEGAARD, 1979, p. 266), o próprio filho que por tanto tempo foi esperado e acolhido ao nascer com tanto afeto por Abraão. Aqui surge uma pergunta chave: como conciliar este sentimento de atitude de obediência a Deus e a renegação em sacrifício do próprio filho a um Deus que é, segundo o autor, Amor?

Neste episódio, Kierkegaard destaca o indivíduo sendo o sujeito que vivencia de tal modo sua fé que é capaz de se encontrar no estado de solidão, abandono, ou melhor, se encontrar desamparado em sua humanidade por um Deus que lhe faz a mais cruel exigência, isto no âmbito da fé, mas que tem repercussão em toda a sua vida, tanto em

âmbito moral quanto espiritual. Em sua dimensão moral e espiritual, acontece este conflito, no qual se tem o paradoxo existencial. Abraão (pai amável para com seu filho) deve entregar seu único e amado filho a Deus, em sacrifício como prova de fé. Por outro lado, este mesmo Abraão se sente abandonado por Deus, já que aquilo que para ele era de maior valor (o filho e a promessa de posteridade a Abraão, são tomados neste momento como nada) é desvalorizado, já não tem sentido algum numa dimensão do vivenciar a fé em Deus por parte deste indivíduo.

O paradoxo aqui se dá no concernente à fé e à moral. No caso de Abrão, este é movido pela vivência de sua crença e fé em Deus ao optar pela obediência quanto ao que lhe é solicitado por Deus. Mesmo sabendo da consequência que poderia trazer esta sua opção pela fé, impossibilidade das gerações pós-Isaac, Abraão decide, preferencialmente, lançar-se no propósito que Deus lhe coloca – sacrificar Isaac – dando sentido ao que é considerado pelos homens e sua Ética (moral) como um assassinato, ainda mais contra o próprio filho. Cabe ressaltarmos a distinção clara quanto ao sacrifício, tanto no aspecto da fé como no da moral. Isto tendo em vista que, no referente à fé, este mandato de Deus é simplesmente visto como um holocausto, no qual é ofertado uma vida humana, a de Isaac para que possa agradar à vontade de Deus. Já no concernente à Ética, este episódio é considerado um assassinato, onde o pai é convidado a matar seu filho, sem sequer haver um critério legítimo que possa provar se é realmente Deus que faz tal pedido para provar a fé de Abraão ou se não seria na prática uma forma de alucinação individual.

Outro ponto muito importante é que, embora ele cresse que era Deus quem fazia isto, era impossível compreender tal situação, pois, segundo Kierkegaard, Deus é amor, e este amor é “incomensurável com toda a realidade” (KIERKEGAARD, 1979, p. 269). Daí é que a Ética dos homens não entende tal feito, pois, se Deus é amor incomensurável com toda a realidade, não deveria submeter Abraão à tamanha brutalidade, que era matar o seu filho – que tanto amava – por causa de sua fé. Isto é absurdo e desumano, segundo a visão dos homens, sendo qualificada como uma atitude inaceitável frente aos aspectos axiológicos cultivados em prol da preservação da vida humana.

Portanto, ao partir da narração bíblica que estamos refletindo juntamente com Kierkegaard, este pretende mostrar a existência do conflito formado entre a fé e a ética humana, bem como o sentimento de abandono do indivíduo voltado apenas à constante vivência da fé de modo que o sacrifício se torna inadmissível na concepção e relação de amor entre pai e filho. Observando ainda este iminente confronto que se mostra

momentâneo entre fé e ética, percebe-se que Abraão é arremessado numa situação na qual não se trata necessariamente de ter que decidir entre, digamos assim, dois códigos de ética ou sistemas de valores. Apenas ele está só e diante do que é incompreensível e infinito, não possuindo outra coisa a não ser a sua relação com Deus. Assim, ele está incapacitado racionalmente para avaliar qual deveria ser sua conduta naquele instante. Nesta solidão é que Abraão, com a força de sua fé, acaba optando pelo infinito, sendo que, como menciona Kierkegaard em sua obra, aquele

paga os favores do tempo, cada instante da sua vida pelo preço mais elevado – porque a mínima coisa é sempre realizada em função do absurdo [...] porque este homem efetuou e completou, a todo momento, o movimento do infinito. Converte em resignação infinita a profunda melancolia da vida: conhece a felicidade do infinito; a experiência da dor da total renúncia àquilo que mais ama no mundo (KIERKEGAARD, 1979, p. 274).

Utilizando esta metáfora, Kierkegaard alega que Abraão, pela fé, não hesitou a saltar imediatamente da razão e da ética para o plano do absoluto, onde ser humano, com suas faculdades racionais, já não consegue enxergar, pois a fé é um salto, ausência de meditação humana, não podendo, entre o finito e o infinito, haver transição racional. Desta forma, Abraão se consolida como representante radical do homem religioso, de maneira que passa a ser visto como um homem a ser imitado quanto ao seu exemplo de total despojo de si para realização da vontade de Deus acima de toda e qualquer circunstância pela obediência. No item seguinte, trataremos mais especificamente da angústia e de sua origem. Angústia esta que se fez presente constantemente nos diversos momentos em que Abraão experienciou sua solidão, desamparo e desespero diante da situação na qual Deus o colocou como provação de sua fé. Daí nos deteremos à angústia, que terá seu espaço especial a partir do próximo tópico, deixando desde já claro que crença e angústia, segundo Kierkegaard, são inseparáveis, bem como o temor de Deus é inseparável do tremor.

O SURGIMENTO DA ANGÚSTIA

A angústia é um dos temas chaves da filosofia existencialista, a tal ponto que outros pensadores, após Kierkegaard, trabalharam em suas reflexões sobre este sentimento enquanto condição intrínseca ao ser humano. Precisamente, foi Kierkegaard quem primeiro introduziu este conceito na filosofia, tendo como propósito mostrá-la enquanto atitude imanente à própria situação do indivíduo no mundo, atitude esta que o indivíduo pode compreender. Para que tenhamos um melhor embasamento neste tópico, recorreremos

ao próprio Kierkegaard em sua argumentação, na qual afirma que, para se chegar ao verdadeiro conceito de angústia, é preciso percorrer um caminho árduo de reflexão acerca de tal assunto, sobre o qual se tem várias hipóteses. Somos advertidos da necessidade de cautela quanto ao não tomar logo por corretas determinadas teorias, sem primeiro analisá-las bem, não se deixando levar pelo comodismo frente à dificuldade em tal meditação sobre o assunto em questão. Em sua reflexão acerca do conceito de angústia, Kierkegaard faz menção à questão da sua origem a partir de outros conceitos, para que se tenha em vista que a angústia não é simplesmente criada de ideias mirabolantes, mas que existe sim toda uma articulação que dá sentido à sua existência no homem. Daí, Kierkegaard destaca a importância de alguns conceitos, como por exemplo, defender que

[...] a inocência é a ignorância. Inocente, o homem ainda não está determinado como espírito, ainda que a alma conserve uma unidade imediata com o seu ser natural. Nele, ainda o espírito sonha. Tal interpretação está inteiramente de acordo com a Bíblia, que, não concedendo ao homem em estado de inocência a capacidade de discernir entre o bem e o mal, condena todas as meritórias fantasias católicas (KIERKEGAARD, 1968, p. 45).

Percebemos que Kierkegaard explicita importantes considerações sobre a angústia tendo como suporte primordial para a sua tese a *Bíblia*. Nesta obra, desenvolve esta questão no âmbito da narração genesíaca, onde se tem a história (mito) de Adão como primeiro homem e representante da humanidade, a experimentá-la, pois “frente à proibição de comer o fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal, Adão ficou angustiado” (REBLIN, 2008, p. 110) e, através dela, chega à queda (pecado). Neste sentido é que se deve destacar o conceito de inocência, no qual o indivíduo (Adão) se encontra primitivamente, e que não se deve colocar neste instante, antes do pecado, o homem como já reconhecedor do bem e do mal, como bem enfatiza Kierkegaard. É neste momento, porém, que se deve ter uma atenção apurada para notar que já aqui se vislumbra algo, ou melhor, *outra coisa*, como bem afirma literalmente nosso filósofo:

Em tal estado, existe calma e descanso; porém existe, ao mesmo tempo, outra coisa que, entretanto, não é perturbação nem luta, porque não existe nada contra que lutar. O que existe então? Nada. Que efeito produz, porém, este nada? Este nada dá nascimento à angústia. Aí está o mistério profundo da vida; é, ao mesmo tempo, angústia (KIERKEGAARD, 1968, p. 45).

Esta *outra coisa*, a qual se refere Kierkegaard, é o que ele denomina como *nada*. Este *nada* é propriamente o que dá origem à angústia, pois, no mesmo, nada se manifesta. Portanto, há uma imanente relação entre o nada e a angústia, e ambos até se tornam equivalentes, como destaca Kierkegaard na frase acima, corresponde a dizer que ali (no *nada*) está situada, ao mesmo tempo, a *angústia*. Concernente à questão da inocência no

indivíduo, é interessante percebermos que o mesmo ainda não tem reais condições de fazer o confronto, ou seja, discernir entre o bem e o mal, pois não é capaz de visualizar o que se tem no porvir, já que “a inocência vê sempre e sempre, diante de si, este nada” (KIERKEGAARD, 1968, p. 45).

Um aspecto importante que não podemos olvidar é que, ao tentar explicar o surgimento da angústia, Kierkegaard enfatiza bem que o homem, enquanto inocente, não é determinado como espírito, pois esta síntese é consolidada no próprio homem somente quando acontece a queda, onde neste momento o indivíduo se dá conta de que há uma relação feita entre o corpo e a alma, que tem necessidade de uma síntese através deste terceiro elemento que é o espírito. Assim, a unidade é firmada entre corpo e alma. Kierkegaard assinala como de elevada importância a determinação espiritual pertencente somente ao homem, pois, através dela é que o homem faz a experiência da angústia. Esta é “a realidade da liberdade como puro possível” (KIERKEGAARD, 1968, p. 45) que se difere à do animal, que não tem esta condição por ser um ser desprovido da categoria espiritual, “por essa razão é que não a achamos no animal, cuja natureza não tem, precisamente, a determinação espiritual” (KIERKEGAARD, 1968, p. 45). Kierkegaard defende em seus argumentos que, no momento em que há a angústia no ser inocente, ela não deve ser vista como sentimento que cause culpa, sofrimento ou fardo para o indivíduo, mas que seja entendida, primeiramente, como uma suave inquietação, e que “o ser humano em sua existência e sua subjetividade não pode deixar a angústia tomar conta de sua vida, na mesma medida em que não pode viver sem ela” (REBLIN, 2008, p. 126). Deste modo, é possível observar sua importância em uma criança. Como Kierkegaard argumenta nas seguintes palavras,

[...] observai a infância: achareis aí esta angústia mais exatamente desenhada como uma procura de aventura, do monstruoso, do mistério (...). A angústia é de tal modo fundamental na criança que ela não deseja dispensá-la; até quando inquietada pela angústia a criança mostra-se encantada com sua suave inquietação (KIERKEGAARD, 1968, p. 46).

Diante do que já foi dito, mais precisamente na dimensão psicológica, Kierkegaard continua sua reflexão sobre o surgimento da angústia, e para tentar esclarecer esta questão, recorreremos especificamente ao ser humano como uma síntese “síntese de alma e do corpo”, importando observar pequenos detalhes que, muitas vezes, podem passar por despercebidos àqueles que buscam repostas rápidas, ou até mesmo errôneas, a respeito de determinados detalhes, como este. Em Kierkegaard, nota-se, insistentemente, que o

homem é um ser espiritual pela existência da alma e do corpo, de tal forma que essa síntese não seria imaginável se não existisse a possibilidade da reunião de tais elementos em um terceiro, que é o espírito. Portanto, mesmo em seu estado de inocência, o homem não deve ser considerado apenas um animal, pois, “se alguma vez o fosse em qualquer instante de sua existência, nunca se tornaria homem” (KIERKEGAARD, 1968, p. 47).

Cabe ressaltar, então, que Kierkegaard alega a presença do espírito no ser humano mesmo que este esteja em seu estado de inocência, pois, para que o homem se constitua, é preciso que se tenha esta relação entre corpo e alma. Com isto, Kierkegaard se preocupa em solucionar a problemática gerada no que concerne à presença do espírito, que “mostrasse, por um lado, como um poder inimigo” (KIERKEGAARD, 1968, p. 47), por confundir a relação ente alma e corpo, e por outro como ser enquanto potência amiga que deseja constituir a relação. Daí Kierkegaard pergunta:

Qual é, portanto, a relação do homem com esta potência ambígua? Qual a relação do espírito com ele mesmo e com a sua condição? A relação é a angústia. O espírito não pode estar contente com ele mesmo, nem apreender-se, enquanto o seu eu se conservar exterior a si mesmo (KIERKEGAARD, 1968, p. 47).

Aqui se pode notar que Kierkegaard faz referência à constituição do próprio eu de cada indivíduo, onde se deve vivenciar, experienciar sua individualidade em sua condição de existência humana; isto tendo em vista a compreensão de que o homem é constituído pela angústia, relação intrínseca e constituinte do indivíduo, e da qual não é possível fugir, pois ele a ama, embora tente fugir da mesma, como veremos em outro momento.

A inocência, neste sentido, atinge seu cume, e a ignorância é determinada pelo espírito. Mesmo assim, pode-se dizer que não deixa de existir como angústia, tendo como pressuposto que a ignorância, aqui referida, se abre ao nada, pois, até este momento, ainda não há reconhecimento do bem e do mal, já que a realidade completa do saber projeta-se na angústia como infindável nada da ignorância. A respeito do homem, do eu como relação (síntese), interessa-nos dizer que Kierkegaard levanta a tese de que através da subjetividade como relação, pode-se obter o reconhecimento de uma formação exclusiva de tudo o que seja tido estável, a ponto de que, assim, o indivíduo se sujeita à angústia, à falta, ao desespero, bem como àquilo que seja fragilidade própria, conforme podemos notar no seguinte trecho:

O homem é espírito. Mas o que é o espírito? É o eu. Mas, nesse caso, o eu? O eu é uma relação, que não se estabelece com qualquer coisa de alheio a si, mas consigo própria. Mas e melhor do que a relação propriamente dita, ele consiste no orientar-se dessa relação para a própria interioridade. O eu não

é a relação em si, mas sim o seu voltar-se sobre si própria, o conhecimento que ela tem de si própria depois de estabelecida. O homem é uma síntese de infinito e de finito, de temporal e de eterno, de liberdade e de necessidade, é, em suma, uma síntese. Uma síntese é uma relação de dois termos (KIERKEGAARD, 1979, p. 337).

Como podemos observar nas palavras de Kierkegaard, esta relação não é tão simples quanto possa parecer no primeiro momento, pois a mesma consiste em que o eu não seja tomado simplesmente como relação em si, mas que volte-se sobre si própria, tendo em vista que o eu é a relação voltada sobre si própria. Kierkegaard, usando o relato bíblico que narra o pecado original, em que Adão está no Jardim do Éden, alega que basta apenas uma palavra para que caia por terra a ignorância existente em seu momento de inocência. Exatamente neste instante é que “a angústia recebeu sua primeira presa, e em lugar do nada, tem uma palavra misteriosa” (KIERKEGAARD, 1968, p. 48). As palavras proferidas por Deus a Adão são, na verdade, constituintes de uma ordem, que diz: “porém, os frutos da Árvore do Bem e do Mal não comerás” (KIERKEGAARD, 1968, p. 48).

Segundo Kierkegaard, em uma de suas hipóteses relacionadas a esta narrativa, fica estampado que, no mais profundo de sua inocência, Adão não entendia o real sentido desta frase, já que o mesmo só poderia compreender a diferenciação entre o bem e o mal após o saborear do fruto. Assim, Kierkegaard reflete condicionalmente a respeito da possibilidade de se admitir que, com a proibição em Adão, tenha nascido o desejo, e que daí, no lugar da ignorância, se tenha o saber. Porém, para que se confirme isto, seria necessário que Adão já conhecesse a liberdade, pois seu desejo deveria fazer uso da liberdade. Fica claro, então, que, após a proibição, Adão é submetido a uma tamanha inquietude que nele, então, desperta a possibilidade da liberdade. Assim, “o que se ofertava à inocência como um nada da angústia adentrou-se e conserva ainda aqui um nada: a aflitiva possibilidade de poder” (KIERKEGAARD, 1968, p. 48), assunto que desenvolveremos em nosso próximo tópico.

O HOMEM DIANTE DO NADA

Agora nos deparamos com a questão do homem que se encontra diante do nada, que segundo Kierkegaard, é relatado como exemplo claro disso a narração bíblica em que Adão é alcançado pela voz externa (Deus), que lhe ordena algo, como já mencionado anteriormente. Este algo é causador de uma grande estranheza em Adão, pois este ainda não conhecia, ou melhor, não tinha consciência enquanto indivíduo, do que lhe poderia ocorrer, dependendo de sua atitude frente a tal expressão de Deus em seu ordenamento.

Temos, então, o homem lançado no âmbito do nada, da “possibilidade de poder, como uma forma superior da ignorância, como expressão elevada da angústia” (KIERKEGAARD, 1968, p. 48). Deste modo, Kierkegaard menciona que é através da angústia que ocorre no homem o despertar para a possibilidade de ser livre e que, nesta possibilidade, é que o homem se dá conta de que não sabe a que se refere especificamente suas possibilidades. O nada como categoria constitutiva da compreensão do eu sujeito em Kierkegaard torna-se, então, intrínseco ao ser humano, pois o mesmo se depara com o que lhe é de mais próprio como ser sujeito ao imprevisível, ou melhor, está no nível do possível e, ao mesmo tempo, de incerteza do bom ou mau êxito quanto à sua concreção possível no real.

Kierkegaard enfatiza que, sendo admitido que da proibição nasce o desejo, daí realmente surge a hipótese de que Adão conhecesse a liberdade, cabendo, por conseguinte, uma análise minuciosa a respeito do que Deus lhe adverte com a frase *por certo morrerás*, tendo em vista que Adão ainda não tinha elementos suficientes para discernir o que significaria morrer. Portanto, uma vez levando afincado esta hipótese, precisamos dizer que, deste modo, pela angústia, o homem é colocado, conseqüentemente, diante de duas instâncias ao mesmo tempo: a coisa proibida e o castigo. Isto principalmente, pelo fato de o homem estar anteriormente imerso na profundidade do nada pertencente a si mesmo, como nos afirma Kierkegaard (1968, p. 48):

A possibilidade incomensurável de poder, originada pela proibição, cresceu pelo fato de esta possibilidade recordar uma outra como sua consequência. Deste modo, a inocência é empurrada até a derradeira extremidade. A angústia em que ela imerge coloca-se em relação com a coisa proibida e com o castigo. Ela não é culpada, e, contudo, a angústia existe como se já estivesse perdida.

Assim, podemos notar que nesta reflexão sobre o nada, frente ao qual o homem se encontra, acrescenta-se a angústia como fator primordial a lançar o homem diante de si mesmo, como um ser finito, mas que é dotado de possibilidades inúmeras através de sua liberdade. Também no trecho citado acima, da obra kierkegaardiana, é necessário ressaltar, desde já, a questão que mais adiante trataremos com mais precisão, que é a de que, podendo visualizar em sua angústia as possibilidades de efetivação de sua decisão, o homem é conduzido a meditar imediatamente sobre as possíveis conseqüências de suas deliberações para o futuro, pois, a partir da tomada de posicionamento para com suas opções, são-lhe dadas também as responsabilidades de assumir para si suas conseqüências advindas de tais efetivações. Portanto, a angústia é vista, como já frisado, como aquela que confronta o homem consigo mesmo, de modo que esteja preparando e anunciando ao

indivíduo a escolha pela qual ele possa concretizar, realizar o seu próprio eu. Isto por que a angústia é pessoal, de modo que o sujeito deve constantemente se dar conta disso, não fugindo, mas sim aprendendo a conviver com a mesma para que se concretizem, a partir da escolha, suas mais variadas possibilidades na vivência, como podemos conferir que:

Concomitantemente, a angústia é a coisa mais profundamente pessoal e nenhuma manifestação real da liberdade mostra-se tão zelosa do Eu como a possibilidade de concreção [...] contudo, enfeitiça-nos com a sua suave inquietude! (KIERKEGAARD, 1968, p. 66).

Partindo da consciência do nada de sua vida, o homem pode construir a si mesmo, pois, a partir daí, é que, como um ser que tem em si possibilidade de liberdade, o mesmo pode decidir e sair da inércia, na qual se encontra o seu nada na angústia, pois “o nada que era objeto da angústia como se torna sempre mais alguma coisa” (KIERKEGAARD, 1968, p. 66). Podemos dizer aqui que já há uma diferenciação entre o nada que era tido simplesmente como objeto da angústia, antes do salto qualitativo, e o nada existente após este salto. Veremos, na citação abaixo que, enquanto nada da angústia, este pode ser tomado como que imanente à angústia, a ponto de ser visto como pressentimento. Assim nos diz Kierkegaard:

O nada da angústia, portanto, representa nesta conjuntura, uma espécie de complexo de pressentimentos refletidos sobre si próprios e aproximando-se cada vez mais do homem, ainda que no fundo, ainda não representem nada na angústia, contudo – veja-se bem – não um nada que seja indiferente ao indivíduo, porém um nada em comunicação viva com a ignorância da inocência. Aquela meditação equivale a uma predisposição que, antes de ser praticada a falta, significa fundamentalmente nada (KIERKEGAARD, 1968, p. 67).

Segundo Kierkegaard, é claramente notável que, antes do salto qualitativo, este nada está continuamente relacionado com a ignorância da inocência em seu sentido de poder ser para o homem aquela categoria, na qual se tem uma diversidade de reflexões sobre si mesmo, e que, pouco a pouco, se achega ao indivíduo. A reflexão, neste momento, dá-se no âmbito de si mesmo, entendendo os pressentimentos em si mesmos, e não fora de si. Um pouco mais a frente, nesta problemática do nada da angústia, anterior ao salto qualitativo e do nada após este salto, Kierkegaard defende que, no segundo caso, o homem já não é mais contido apenas por meditações sobre si mesmo, mas que agora a reflexão adquire outro sentido, o de ir bem mais além.

Já a partir do instante em que, com o salto qualitativo, o homem se torna culpado, a meditação aparece como a condição prévia em que o homem se baseia para remontar além de si próprio, visto que o pecado se

autopressupõe não antes de ser estabelecido [...], porém, antes que o foi (KIERKEGAARD, 1968, p. 67).

Deste modo, vemos que nosso filósofo aponta para o sentido de que o ser humano em sua vida é profundamente marcado pela permanência da falta, pois o mesmo é um ser inacabado e possuidor de uma busca do que está para além de si mesmo, como poderemos constatar na etapa posterior de nossa pesquisa a partir do estudo da relação existente entre possibilidade, angústia e liberdade.

A RELAÇÃO ENTRE ANGÚSTIA E LIBERDADE

Após termos perpassado pelas questões do sentimento de abandono no homem, assim como pelo surgimento da angústia e pela do homem diante do nada, podemos compreender que há necessidade de refletirmos neste estudo sobre uma forte concepção no pensamento kierkegaardiano, que é o da relação entre angústia e liberdade, sendo que, não se pode separar aleatoriamente esses conceitos, já que são interligados entre si. Buscaremos, então, explanar nesta etapa de estudos sobre a condição da qual o indivíduo não consegue fugir, que segundo Kierkegaard, é a angústia. Neste sentido, no tocante a este assunto, Kierkegaard deixa suficientemente claro que a angústia é própria do ser individual em toda a sua vida, mas ao mesmo tempo, embora o homem admita esta sua condição, tenta fugir da mesma. É importante observar que, quando o homem se determina como ser espiritual, “o fugir da angústia, não é possível, por que a ama; porém, amá-la realmente, do mesmo modo não, pois foge dela” (KIERKEGAARD, 1968, p. 47). O pensador dinamarquês mostra que a angústia é consubstancial, consolidada no indivíduo, levando-o a ser participante do espírito, isto no sentido de que, pela síntese entre alma e corpo, se tem o espírito. Referente a isto, o homem não pode escapar. Importa-nos elucidar que:

Se o homem não tivesse consciência da possibilidade, se não tivesse espírito e inteligência, ele não conheceria a angústia, de onde se conclui que a angústia está ligada à espiritualidade do homem. Em consequência disso, é então impossível libertar-se da angústia quanto de si mesmo (LE BLANC, 2003, p. 83).

Ainda para confirmar esta dimensão espiritual a que pertence o homem, vemos em um trecho da obra *O Conceito de Angústia*, uma passagem na qual se tem uma

comparação muito interessante que destaca a elevada importância do espírito, da consciência como aquilo a que não se pode enganar.

Um sujeito caloteiro pode perfeitamente livra-se de seus credores e conseguir acalmá-los com palavras macias, porém existe um credor pelo menos que jamais alguém conseguiu permanecer sempre no homem (...), ainda que escondida e disfarçada (KIERKEGAARD, 1968, p. 100).

Assim, o homem, por ser dotado de espírito, e por sua capacidade inteligível, reflete sobre si mesmo e sua condição, de maneira que se vê incapaz de ter uma vida animal, do mesmo modo que não pode viver isento da angústia, pois o indivíduo é uma síntese e “anjo ou animal, jamais o homem poderia sentir a angústia. Contudo, considerando que é uma síntese, pode senti-la; e tanto mais intimamente a sente, mais aumenta a sua grandeza humana” (KIERKEGAARD, 1968, p. 157). Conforme aponta Kierkegaard, a angústia é, muitas vezes, entendida como presente no indivíduo, predominantemente, nos momentos de pecado; isto para os que ainda não levaram a fundo a reflexão sobre este estado, pois, na realidade, a angústia está presente tanto com relação ao que seja prazeroso quanto ao que não o seja. “A angústia, assim como se coloca no pudor, deve estar presente em qualquer erótico, ainda que, de modo algum, tal prazer seja um pecado” (KIERKEGAARD, 1968, p. 76). Isto nos faz assimilar que, realmente, a angústia não é existente somente diante do pecado, mas também nas variadas situações da vida do indivíduo. Um exemplo claro é quando Kierkegaard faz a colocação de que, no erotismo, por mais que se exprima como elevada e total pureza, moralidade e beleza possíveis, nem mesmo por isso a angústia se faz ausente, não que esta angústia queira produzir perturbação, mas se apresenta como parte integradora da relação. Portanto, mesmo não existindo elementos que denotem necessariamente pecado no indivíduo, esta condição (angústia) se faz presente. Como afirma o autor:

Mais de um casamento já se viu profanado sem qualquer contribuição de outrem. Entretanto, quando o erotismo é sem mácula, inocente e belo mostra-se graciosa e suave, e aos poetas estão cheios de razão quando cantam sua suave inquietação (KIERKEGAARD, 1968, p. 77).

Baseando-se nesta passagem, vemos que, mesmo no erotismo inocente e belo, ou seja, que em si não contenha maldade alguma, a angústia se apresenta. Porém, acima notamos as palavras *suave inquietação*, expressão em que nosso filósofo identifica a angústia, assim como quando se observa na criança o encantamento com esta inquietação da angústia. Da mesma maneira, dá-se esta suave inquietação no que seja inocente e belo; neste caso, relacionado ao erotismo, sem ser tomado como algo pecaminoso e que venha

prejudicar, macular o homem. Usando as palavras de Kierkegaard, poderíamos dizer, neste caso, que, mesmo “exterior a um tal ser, a angústia continua nas proximidades” (KIERKEGAARD, 1968, p. 118), e aí se tem suave inquietação que não gera perturbação no indivíduo, pois, como já ressaltamos anteriormente, a angústia continua a ser medida da grandeza aos seres humanos, em vista que, quanto mais se sente angústia, mais se aumenta esta grandeza no homem.

Em outro trecho Kierkegaard faz uma alusão estética à angústia do ponto de vista dos poetas, que, quando se referem à descrição do amor, aí também a angústia se manifesta, como podemos observar: “em todo caso, está mais ou menos certo que os poetas jamais descrevem o amor, por mais pureza e inocência que exista em seu quadro, sem que aí coloquem a angústia” (KIERKEGAARD, 1968, p. 76), ponto que Kierkegaard não aprofundou em *O Conceito de Angústia*, mas que aqui fazemos menção para destacarmos tamanha importância a que ele dá a esta temática em seu vasto campo bibliográfico. Até agora vemos que a angústia é relacionada com a possibilidade, a ponto de dizermos, segundo Kierkegaard, que o homem tem sua constituição elaborada a partir da dela, implicando-lhe condição fundamental do homem diante do mundo, diante do possível, e este possível é fruto de sua liberdade.

Aqui cabe fazermos alusão ao que o próprio filósofo nos diz sobre o homem, constituído pela angústia, pois “o homem constituído pela angústia é constituído pela possibilidade e apenas aquele a que a possibilidade forma está formado em infinitude” (KIERKEGAARD, 1968, p. 158). É imprescindível, ao falar da angústia, não olvidar a possibilidade, a categoria de possibilidade relacionada precisamente à dimensão da liberdade, ou seja, no que toca às escolhas que o indivíduo deve fazer no decorrer de suas mais diversificadas circunstâncias às quais são colocadas em sua vida. Neste sentido, cabe destacar que a angústia é um tema chave na teoria filosófica de Kierkegaard. Isto implicando salientar que no momento em que se reconhece a angústia como um estado próprio a si mesmo, o indivíduo se expande para o infinito pela possibilidade, pela angústia. Quanto a isto, Kierkegaard especifica que é dado este reconhecimento através da consciência de si mesmo por ser dotado do terceiro elemento constituinte da síntese no homem, que é o espírito. Este pode ser entendido como o conceito de consciência do eu existente como síntese entre alma e corpo. A angústia não faz distinção entre grandes ou pequenas facticidades voltadas ao ser humano, conforme conferiremos no próximo trecho da obra aqui dotada como primária. A angústia rompe inúmeros limites em sua

potencialidade, de forma a triunfar até sobre a categoria finitude, visto que comprovaremos no mencionado abaixo:

A angústia jamais deixa de estar presente até nas coisas mais insignificantes, sempre que por aí desejemos fugir ou entrar de modo furtivo. Em si mesma, a coisa é insignificância e do exterior, por meio da finitude, nada nos informa a respeito; porém a angústia não escolhe caminhos tortuosos e abate logo o triunfo da finitude, da categoria: contra isso, nosso ser não pode coisa alguma (KIERKEGAARD, 1968, p. 162).

Com isso, percebemos que, para Kierkegaard, a categoria de finito é superada pela de possibilidade, de infinitude, e mesmo que o indivíduo busque fugir, de uma forma ou outra por meio da categoria de finitude, não há como escapar, tendo em vista que o indivíduo deve recorrer à de infinitude, como nos diz Kierkegaard:

A finitude pode ensinar-nos muita coisa, porém, sobre a angústia apenas nos confere o conhecimento de um aspecto bem inferior e degradante. Quando, ao invés, se faz a real aprendizagem da angústia, tem-se a convicção de poder avançar dançando quando as angústias da finitude principiam a soar sua música e percam a cabeça e a vontade os aprendizes do finito (KIERKEGAARD, 1968, p. 163).

Pertencente ainda a esta questão, Kierkegaard sustenta constantemente esta ausência de escapula inerente ao homem quanto à angústia, como o autor defende:

Até mesmo no que diga respeito a uma insignificância, sempre que o ser tente uma manobra hábil e que é apenas hábil, desde que deseje esconder-se e com todas as possibilidades de êxito, por que a realidade não é um examinador tão rigoroso como a angústia – a angústia está presente (KIERKEGAARD, 1968, p. 162).

Por conseguinte, o indivíduo não tem como escapar da angústia enquanto ser humano, visto que lhe é imanente em sua condição de existência no mundo. O pensador dinamarquês expõe uma comparação interrogativa muito interessante sobre o perscrutar da permanente presença da angústia no indivíduo. E menciona a seguinte questão:

E qual juiz esperto que sabe acertar no interrogatório, que sabe revistar o réu com perguntas, como a angústia que jamais deixa, nem nos prazeres, nem no íntimo da confusão, nem durante o serviço, nem de dia, nem de noite? (KIERKEGAARD, 1968, p. 157).

Neste sentido, vimos que Kierkegaard defende a angústia como condição fundamental do indivíduo enquanto homem diante do mundo, do possível. Também observamos que, por mais que se deseje fugir desta condição, não se consegue, pois a

angústia se faz presente em todos os momentos da vida de cada ser humano, cabendo ao mesmo ser aprendiz do possível, a ponto de, simplesmente, saber conviver com a mesma e, ao mesmo tempo, dela tirar proveito constantemente. Isto é o que veremos em nosso próximo tópico, tendo em vista que a possibilidade está intimamente relacionada à liberdade na existência humana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Kierkegaard vai à raiz da questão a respeito da angústia e da liberdade humana, onde notamos que a angústia é tomada pelo autor como esta condição fundamental da existência humana no que se refere ao uso da liberdade. A angústia é tomada como um sentimento que não tem objeto preciso, mas que simplesmente é alimentada pelo indeterminado, pelo nada. Neste nada, a angústia mostra seu vasto campo de possibilidades, onde o possível é equivalente à angústia. Por sua vez, a angústia nos direciona à liberdade. Fica-nos a ideia de que, em Kierkegaard temos de modo interligado os conceitos de angústia, liberdade e possibilidade na existência humana. E isto nos conduz à compreensão de que este filósofo aponta um outro conceito primordial tanto à sua filosofia quanto a toda a corrente filosófica existencialista, que é a categoria da escolha, em que o indivíduo tem como que uma imposição a si mesmo de que deve fazer escolhas durante toda sua existência como ser consciente. A existência, em si, é pura contingência. É aqui onde o indivíduo se angustia profundamente ao não saber se suas reais opções conduzir-lhe-ão àquilo que antes era pura possibilidade, mas que agora se faz concretude pela escolha. Deste modo, podemos dizer que a angústia aponta não para uma liberdade abstrata, identificada com o livre-arbítrio, mas a uma real liberdade que é concreta. Nota-se em Kierkegaard a defesa de uma filosofia voltada ao existencial, consolidando uma vivência prática daquilo que se chega a compreender na “defesa da individualidade, da interioridade contraposta ao universalismo abstrato, ético-religioso, político ou epistemológico” (PAULA, 2009, p. 13). O indivíduo, a partir desta consciência de si mesmo, como ser espiritual, que tem em si a síntese entre corpo e alma, volta-se para o infinito como ser finito e inacabado em busca de sua infinitude ao escolher.

REFERÊNCIAS

- FARAGO, France. **Compreender Kierkegaard**. Tradução de Ephraim F. Alves – Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.
- GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e Método**: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. Trad. Flávio Paulo Meurer. 10. Ed. Petrópolis – RJ: Editora Vozes, 2008.
- _____. **Verdade e Método II**: complementos e índices. Trad. Marcia Sá Cavalcante-Schuback. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- KIERKEGAARD, Sören Aabye. **O conceito de angústia**. São Paulo: Hemus Liv. Ed., 1968.
- _____. **Ponto de vista explicativo da minha obra como escritor**. Lisboa: Edições 70, 1986.
- _____. **Diário de um sedutor; Temor e tremor; O desespero humano**. In: Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- LE BLANC, Charles. **Kierkegaard**. Tradução de Marina Appenzeller. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.
- PAULA, Marcio Gimenes de. **Indivíduo e comunidade na filosofia de Kierkegaard**. São Paulo: Paulus, 2009.
- REBLIN, Iuri Andréas . A angústia kierkegaardiana. **Protestantismo em Revista**, v. 16, p. 105-127, 2008.
- ROHDEN, Luiz. A atualidade de Sören Kierkegaard. In: **Revista do Instituto Humanitas Unisinos**. São Leopoldo. Edição 314, 09.11.2009.
- ROHDEN, Luiz. “Simultaneidades” kierkegaardianas em H-G. Gadamer. In.: **Filosofia Unisinos**, 6(3): 322-329, set/dez 2005.